

REFLEXÕES SOBRE O MÉTODO DE AVALIAÇÃO NAS CATEGORIAS DE BASE

GABRIEL PUOPOLO DE ALMEIDA

Para todos os profissionais envolvidos com categorias de base, a proximidade do final do ano também significa a proximidade da tomada de decisões muitas vezes difíceis, que geram dilemas, desentendimentos e crises de consciência. Isso porque o final do ano e de uma temporada implica na necessidade de se decidir sobre quais atletas serão absorvidos, contratados, promovidos ou dispensados pelo Depto de Base.

Em meio aos vários dilemas vividos na gestão das categorias de base de um clube de futebol (e porque não, nas escolas de futebol Brasil afora) talvez o processo de avaliação seja um dos que gera mais incertezas, discussões e aflições.

Por “avaliação”, entendamos aqui como os processos, critérios e métodos utilizados inicialmente na identificação do talento, e depois aplicados ao longo da trajetória do jovem no decorrer das diferentes categorias, que culminaria em sua projeção futura ao status de atleta profissional. É por meio dessas avaliações que jovens atletas são captados, promovidos, contratados e dispensados.

Importante que se diga já aqui no início que este texto não possui a pretensão de apresentar um formato “ideal” de avaliação. Menos ainda determinar exatamente quais critérios devem ser privilegiados na identificação de um atleta talentoso ou mesmo na avaliação de sua projeção futura como atleta profissional. A intenção deste texto é tão simplesmente a de apresentar as minhas reflexões sobre os dilemas vividos no processo

de avaliação e apontar para uma direção relacionada ao método a ser empregado, sem dúvida respeitando as particularidades de cada instituição de futebol.

Os envolvidos no processo, desde os captadores (conhecidos também como “olheiros”), passando pelos treinadores, coordenadores técnicos e chegando aos executivos e diretores estatutários, todos acabam por possuir sua opinião a respeito de como deve ser feita a identificação e avaliação dos talentos a serem atraídos e desenvolvidos no clube a que servem.

De certa maneira, todos buscam por uma “bola de cristal”, que seja precisa o suficiente para se prever o quanto o “talento” atraído e desenvolvido no clube irá realmente “virar”, se tornando um atleta ou equipe de atletas cujo alto nível de desempenho possa contribuir com resultados esportivos e financeiros ao clube.

Desde a avaliação de entrada (na forma de “peneiras”, “testes” ou afins) até as avaliações realizadas durante o processo de formação (que determinam contratações, dispensas e promoções), costuma-se ter muita discussão e algumas vezes divergências. Argumenta-se sobre quais critérios precisam ser privilegiados, quais instrumentos, aportes tecnológicos e estratégias de avaliação devam ser aplicadas.

Pondera-se sobre o “perfil” a ser encontrado e desenvolvido pelo clube, sobre a influência da maturação orgânica e psicológica na formação e no desempenho, sobre a importância de elementos fora do escopo técnico (como desempenho escolar, disciplina e comportamento no alojamento, etc.) como pontos a serem considerados. Ainda assim, a grande maioria dos gestores não escapa da aflição de tomar decisões imprecisas e injustas a respeito dos atletas que capta, contrata, promove e dispensa.

Em primeira instância, é preciso aceitar que – pelo menos até hoje – não se encontrou uma fórmula que conduza a uma previsão precisa e objetiva sobre o grau de

evolução futura de um atleta. Quem atua há algum tempo no meio futebolístico coleciona histórias de atletas em quem se depositava muitas esperanças de desenvolvimento, mas que por uma série de outros fatores não “virou”, assim como de outros que não despertavam muito interesse – tendo sido inclusive dispensados de grandes clubes – e que à medida em que atingiu a maturidade floresceu em um atleta de altíssimo nível.

Assim, minhas reflexões a respeito desse tema indicam que o essencial de se compreender é que a avaliação dos atletas, independentemente da forma como é conduzida, precisa considerar os seguintes fatores:

O MITO DO “PERFIL”

Uma das coisas que faz do Futebol uma das modalidades mais incríveis criadas pelo ser humano é o fato de ele ser absolutamente democrático. Não há um determinado perfil, seja ele físico, técnico ou mesmo psicológico, que indique com absoluta certeza o êxito de um atleta. Pelo contrário, ao longo da história podemos observar “craques” e grandes jogadores com os mais variados padrões físicos, estilos de jogar, histórico de vida e perfis de comportamento, todos com enorme sucesso dentro dos campos.

Ainda assim, isso não significa que a ideia de “perfil” é inválida. Pelo contrário, ela é altamente útil e importante, desde que seja utilizada com critério e ponderação. Se considerarmos que cada instituição possui uma história, uma tradição, uma identidade – relacionada aos valores que preza e ao seu próprio estilo de jogo, entenderemos que para cada clube existe um(ns) “perfil(is)” ideal(is). Não é incomum apontarmos um(a) atleta como alguém que tem “a cara” do clube, seja pelo seu comportamento, seja pela maneira como joga. Da mesma maneira, é preciso compreender que nem todo depto de base tem

como único objetivo a promoção à equipe principal. Por diversos fatores, uma determinada agremiação pode estabelecer que seu processo de formação de atletas será voltado não para uma equipe principal, mas sim, para possíveis negociações (ainda na base) com outros clubes maiores do mercado interno e externo. Esse aspecto é importante, uma vez que os objetivos de um clube de base também indicam o tipo de “perfil” necessário para o seu atendimento.

Assim, qualquer processo de avaliação deve antes de tudo partir de um “perfil” que seja adequado ao clube e às expectativas em torno do depto de base, de acordo com sua identidade e seus objetivos específicos. Até mesmo porque, em se tratando de categorias de base, estamos falando de deptos voltados ao desenvolvimento de atletas, de acordo com um “perfil” específico às suas necessidades. Isso é essencial na medida em que privilegia o processo de *formação* e seus elementos pedagógicos, em detrimento da mera *seleção* de atletas.

MÉTODO HÍBRIDO

Outro ponto que muitas vezes gera divergência diz respeito ao peso dado à aspectos intuitivos e subjetivos, oriundos da experiência de captadores e treinadores, em detrimento de métodos objetivos, mais pautados pela ciência e tecnologia, e que se apoiam em testes, exames, métodos de monitoramento, etc.

Por um lado, é também preciso considerar que delegar o processo de avaliação exclusivamente ao treinador ou captador corresponde a um mau uso de toda a teoria, técnica e tecnologia empregada hoje em dia no futebol. Ao mesmo tempo, prescindir da observação experiente de quem acumula muitos anos de vivência “na bola” é um

desperdício de um tipo mais intangível, porém tão importante quanto, de conhecimento a respeito da identificação do talento e dos processos de desenvolvimento atlético e esportivo.

Assim, é fundamental que se entenda que a avaliação é (ou precisa ser) um processo híbrido: objetivo e subjetivo, quantitativo e qualitativo. E que, portanto, o desenvolvimento de um método precisa saber incluir, de forma organizada, ambas perspectivas e abordagens.

DESEMPENHO?

Em paralelo à definição do “perfil”, seria importante se realizar, em cada clube ou escola de futebol, uma franca discussão a respeito do conceito de desempenho. Isso porque o desempenho esportivo, apesar de poder ser conceitualmente definido de maneira mais geral e ampla, depende de referências e critérios muito particulares para ser identificado, analisado, medido e avaliado. Tratar o desempenho apenas como sinônimo de “resultado” é deixar de considerar a imensa quantidade de variáveis presentes na obtenção deste último. Por isso é importante que cada clube se debruce sobre esse tema de modo a definir, para si próprio, quais são as referências de que irá se utilizar para analisar e avaliar o desempenho. Considerando que cada clube busca construir o seu modelo de jogo, pautado por suas características históricas, por sua identidade, é natural se pensar que um desempenho satisfatório não necessariamente é o mesmo de uma instituição para outra, uma vez que as referências para tal mudam de acordo com a história e a tradição do clube.

Entendam que não advogo aqui exatamente contra o “resultado”. Entendo ser a busca por vitórias e conquistas o objetivo primordial de qualquer ambiente competitivo e, portanto, um elemento fundamental a ser perseguido – com as devidas relativizações – durante o processo de formação esportiva. Apenas reflito que ao simplificarmos o desempenho ao ponto de associá-lo apenas ao placar do jogo ou à sala de troféus, muita coisa importante a respeito do processo de formação (e da própria obtenção do desempenho) se perde no caminho. Inclusive o próprio trabalho realizado pelas comissões, membros do staff e gestão da base. Afinal, se é só o resultado que importa, “de qualquer jeito está bom”. Não é mesmo?

PASSADO, PRESENTE E FUTURO

Associado à definição dos critérios de desempenho, é essencial trazer para a discussão o conceito de “potencial”, relativo à ideia das “potências” presentes em um ser humano. Aqui vale não confundir o aspecto filosófico do termo potência com a noção atribuída pela física ao mesmo termo. Entendida pela física (e absorvida pela educação física) como a rapidez com a qual uma certa quantidade de energia é transformada em movimento ou, de maneira mais simples, como a multiplicação da força pela velocidade, a noção filosófica de potência se origina no pensamento aristotélico, para quem “potência” (ou *dynamis*, em grego) significa “vir-a-ser”. De acordo com a *Metafísica* de Aristóteles, o termo potência é tratado como uma capacidade ou poder de mudança e transformação. Filósofos como Espinosa e Nietzsche também desenvolveram parte de seu pensamento ao redor do termo “potência”, sempre lhe atribuindo o significado de “possibilidade”, como sinônimo de uma força interior que se manifestava na relação do

homem com o ambiente. Uma semente, por exemplo, possuiria a potência de vir a ser uma árvore, no caso de lhe ser oferecida as condições ideais para o seu desenvolvimento. Assim, a semente é “potencialmente” uma árvore. Assim como um atleta de base é “potencialmente” um atleta profissional. Desde que a relação entre sua individualidade e o ambiente seja adequada, ele pode desenvolver ao máximo seus “potenciais” e, quem sabe, ser promovido à equipe principal do clube.

Vejamos que nesse sentido é preciso diferenciar os conceitos relativos ao desempenho e ao potencial. Este último se refere àquilo que se encontra como “possibilidade de ser”, enquanto o primeiro diz respeito à sua expressão, no seu aspecto mais concreto (e, portanto, mensurável). Um (o desempenho) diz respeito à atualidade, ao momento presente. Enquanto o outro (potencial) faz referência à possibilidade de um determinado atleta “vir-a-ser” um jogador com um nível maior de desempenho, considerando sua possível projeção e grau de evolução no futuro. Um diz respeito ao “hoje” do atleta. Outro ao seu “amanhã”.

A experiência nos mostra que um não está necessária e diretamente vinculado ao outro, principalmente quando lidamos com processos de TLP (treinamento de longo prazo), como é o caso de formação de base no futebol. Um atleta pode possuir um altíssimo desempenho num determinado momento da formação, porém não possuir o “potencial” para manter o mesmo nível em equipes superiores, ao passo que o contrário também se observa muito (baixo desempenho atual, com alto potencial para desempenho futuro).

O potencial de um atleta, embora possa também ser identificado em parte pelo seu desempenho atual, demanda uma identificação bem mais sutil e complexa para ser avaliado. Em sendo um ambiente de aprendizado e desenvolvimento, não seria absurdo se imaginar que a disposição e a capacidade de aprendizagem, aliado a outros fatores

influentes à evolução do atleta são bem mais importantes que o seu desempenho – momentâneo – atual.

Vale aqui também mencionar que, alinhado com o que foi dito a respeito do desempenho, a definição dos indicadores e das referências a serem estabelecidas para se identificar e medir o potencial de um determinado atleta depende de uma reflexão por parte do clube e seus profissionais a respeito do seu “perfil” ideal e do que considera importante na definição do que considera ser seus atletas com bom “potencial”.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Desse modo, considerando o que fora até agora exposto, uma reflexão sincera sobre os métodos de avaliação precisa levar em conta esses pontos acima mencionados. De um lado, que é preciso encontrar meios de organizar as abordagens objetivas e subjetivas para a análise, mensuração, avaliação e predição do desempenho e, portanto, das decisões tomadas por gestores a respeito de contratações, promoções e dispensas.

E, de outro, é preciso entender que ao abordar a avaliação de atletas no seu aspecto presente (desempenho) e futuro (potencial), considerando um(ns) certo(s) perfil(is) específicos de atletas para o clube, esses mesmo gestores (técnicos e/ou administrativos) conseguirão criar um “mapa” bem mais preciso para tomar decisões – que impactam no orçamento atual e futuro do clube – em meio à um universo de atletas que precisam ser atraídos, mantidos ou dispensados.

É bem sabido por todos que qualquer sistema de navegação faz uso de dois indicadores, criados há muitos séculos, para determinar de forma precisa uma dada

localização. É no cruzamento da *latitude* e da *longitude* que barcos, aviões e automóveis se localizam e se orientam no rumo aos seus destinos de maneira segura e sem complicações. Imaginemos que o GPS usasse apenas um desses indicadores para se localizar. Um avião em rota para São Paulo poderia eventualmente ter de pousar em alguma cidade do norte da Austrália (mesma latitude, porém em lado opostos do planeta).

Pois então, porque não podemos nos utilizar de dois (ou mais) indicadores para determinar o destino dos nossos atletas?

Ao se criar um método de avaliação que de um lado avalie objetivamente os atletas (por meio de testes físicos, monitoramento em campo e dados da análise do seu desempenho), mas que por outro valorize o “olho” de professores experientes e assim considere o elemento subjetivo (promovendo fóruns de discussão interdisciplinar, por exemplo) poderia ser possível contemplar de forma mais organizada e de maneira mais ampla a complexidade do processo. Também, ao se buscar, por meio de uma definição mais clara do perfil e das referências de desempenho, um método que avalie cada atleta sob ambas perspectivas (atual e futura), seria possível ser bem mais preciso e justo nas decisões tomadas pela gestão.

Vale lembrar que categoria de base é uma “escola”, e que precisa ser tratada como tal. Isso significa que tão (ou talvez até mais) importante que o desempenho atual, é por meio da capacidade de aprendizado e evolução (no âmbito esportivo e principalmente pessoal) que o atleta conseguirá alcançar – e manter - níveis cada vez maiores de desempenho.

Para isso, no entanto, cada centro de formação precisa dedicar tempo, energia, neurônios e muita conversa no entendimento e na discussão a respeito do perfil esperado dos atletas (talvez até para cada posição e/ou etapa da formação) e dos elementos a serem

identificados na mensuração e avaliação do seu desempenho e seu potencial. Ao empenhar-se nisso, os profissionais do clube não apenas estarão desenvolvendo um método específico – e personalizado ao clube – de avaliação. Na criação do “mapa” no qual os gestores podem tomar decisões sem tantas aflições, encontram-se também contribuições para o próprio processo de formação, conduzindo a um processo de gestão técnica bem mais pragmático e objetivo e, porque não, justo.

Ms. Psic. GABRIEL PUPOLO DE ALMEIDA

Novembro/2019